

JOVENS NEGROS NA DÉCADA DE 90: DENÚNCIA, SOCIABILIDADE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES ÉTNICA EM TORNO DO MOVIMENTO HIP-HOP¹

Elida Maria da SILVA²

RESUMO

Algumas pesquisas têm apontado a importância do *Hip-Hop* como movimento cultural juvenil. A movimentação dos jovens em torno da cultura *Hip-Hop*, em especial o *Rap*, destaca-se pelo fato de ser um veículo no qual o discurso possui um papel central de informação. Representando um instrumento político de uma juventude excluída e estabelecendo um circuito paralelo ao da indústria cultural. O *Rap* tem como objeto a denúncia das desigualdades e discriminação, transformando-o num veículo de construção de identidades, através de mecanismos culturais de intervenção, por meio de práticas discursivas, musicais e estéticas. Dessa maneira, a ampliação da consciência social e étnica passa a servir como mobilizador de novos comportamentos, nos quais o objetivo é provocar uma reação crítica nos jovens, questionando elementos tais como a exclusão sócio-econômica e a violência que estão presentes no imaginário social.

Palavras-chave: Hip-hop. Discriminação. Juventude negra. Conscientização.

A juventude negra da década de 90 caracteriza-se por estar vivenciando um cotidiano marcado pela violência, desemprego, exclusão e preconceito. Segundo Abramo (1994, p. 72-73)

Rapazes de baixa renda, normalmente os negros, são alvos principais das abordagens policiais. A discriminação também se patenteia no medo dos transentes e lojistas quando eles entram ou circulam em torno de seus estabelecimentos, e no destrato geral que sofrem em função de seu aspecto e da evidente falta de poder aquisitivo. Muitas vezes, eles tem a sua entrada barrada em lugares semi-públicos como bares ou shopping-center.

O preconceito racial ao lado do processo de marginalização imposto ao jovem negro se tornam os dois elementos determinadores do seu comportamento. Assim determinam suas formas de organização e seu comportamento individual.

Este artigo procura analisar uma dentre as várias manifestações do agir coletivo juvenil; na medida em que as generalizações permitem as especificidades dessa juventude negra dos anos 90 no

¹Este trabalho de pesquisa está sendo realizado como parte da Monografia de Bacharelado desenvolvida no curso de Ciências Sociais, foi apresentado no II Congresso de Pesquisadores Negros de São Carlos 25 a 29 de agosto 2002.

² Aluna do Bacharelado no curso de Ciências Sociais na UNESP, FFC - Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília, 2003 (e-mail: elidatrelosa@yahoo.com.br), sob a orientação da Profª. Dra. Claude Lépine, CEP 17525-900, Marília, São Paulo - Brasil.

mundo urbano escolhendo o RAP – Rhythm and Poetry - rapidamente difundido nos bairros e ruas da periferia pobre e negra da cidade de São Paulo, no final da década de 80. Este tipo de expressão artística e musical aliada ao break (dança de rua) e ao grafite, constitui o movimento HIP-HOP que fora introduzido no Brasil no início da década de 80, por via da dança-break. No entanto foi em decorrência do RAP que o jovem negro obteve recursos necessários para expor suas idéias e situação social. É assim que eles buscam atuar e interferir nesse cenário social, pela construção de um espetáculo que chame a atenção pública para suas questões, oferecendo-se como espelhos de seu tempo.

O tema da juventude negra e sua definição estão sempre revestidos de um caráter histórico-social. A juventude não é apenas um período compreendido entre a dependência infantil e a autonomia da vida adulta, marcado pela inquietude, imaturidade e florescimento das faculdades mentais. Dentre alguns elementos caracterizadores da condição juvenil se insere a busca de autonomia frente aos laços de dependência com a família e a transitoriedade³. Esta dimensão produz também, situações de liminaridade, traduzidas na continua possibilidade de escolhas, na vivência de situações limite que podem resultar em alternativas que negam expectativas, regras e modelos dominantes de ordem e normalidade (SPOSITO, 1993).

Assim as dimensões de exclusão vivenciadas pela juventude negra que deriva em sua maioria em virtude da raça não eliminam a presença de processos de integração, aparentemente contraditórios que caracterizam a vida desses setores jovens empobrecidos e discriminados da sociedade. Decorrente de um processo que se exprime na inserção juvenil no mundo do consumo, da produção de imagens, dos símbolos e da mídia no seu papel da afirmação e renovação de sentidos e significados das expressões culturais juvenis e, por outro, na construção de um imaginário coletivo urbano. Na medida em que traduzem as formas de percepção do social partilhadas por um determinado grupo, as “representações sociais” geram práticas e estratégias pelas quais este grupo compreende e age sobre a realidade em que vive. Compreender as práticas complexas, múltiplas, diferenciadas, que constroem o mundo como representação permite repensar a capacidade de articulação/negação desses grupos sociais e os desdobramentos sócio-políticos dessa articulação.

³ remete a uma formulação já clássica de Mannheim que é a idéia de marginalidade, entendida como isolamento relativo frente ao centro de poder como capacidade de estranhamento e de tomar distância das amarras colocadas pela estrutura social (MANNHEIM, 1954).

A cena cultural hoje vem mudando rapidamente, refletindo uma crescente insatisfação dos jovens negros com o “regime democrático” que, mesmo reinstalado desde a década de 80, não conseguiu concretizar efetivamente a cidadania nem oferecer melhores condições de vida. Por estas razões as dimensões excludentes quer sejam elas derivadas da situação de raça/classe ou das determinações geracionais, não podem ser reduzidas apenas às suas expressões econômicas, mas pelo contrário, devem ser compreendidas como um processo que assume feições diversas, no plano sócio-cultural e político. O movimento social da juventude tem suas raízes no descontentamento e na insatisfação social, buscando dessa forma inovar através da criação de novas concepções o que tornaram tendências culturais.

As formas de organização de determinados grupos sociais são elementos de defesa como sugere Moura:

Enquanto ele é simples grupo diferenciado através de critérios de julgamento exteriores – é apenas objeto, simples elemento componente da sociedade como um todo, funcionando como parte passiva do contexto social. Ainda não tem interioridade, conteúdo. Mas, quando passa a sentir-se diferenciado pela sociedade global, isto é, pelos demais grupos que não possuem a mesma marca diferenciadora e, por isto mesmo, é separado por barreiras e técnicas de peneiramento no processo de inteiração, ele adquire consciência dessa diferença, passa a encarar a sua marca como valor positivo, revaloriza aquilo que para a sociedade o inferioriza e sente-se um grupo específico. (MOURA, 1988, p. 116).

Nos deparamos dessa forma com dois fatores o primeiro é a causa que dá origem à manifestação coletiva dos jovens e o segundo refere-se à forma de mobilização desses atores sociais. No primeiro caso podemos atribuir as necessidades de “auto afirmação”; fortalecimento da “identidade grupal” como motivos que levam os jovens a se constituírem em um movimento; movimento social da juventude representado por um grupo juvenil específico. O segundo fator diz respeito às formas de mobilização dos grupos juvenis e parece que esta forma de ação também é explicitada de forma simbólica.

Dessa forma consideram-se aqui, portanto, os estilos de vida juvenis em constante construção, nos quais linguagem, vestuário, músicas, danças, discursos e trajetos urbanos formam um universo cultural no qual se desenrolam sociabilidades, definem-se trajetórias, constroem-se sentidos e territorialidades.

Assim, não é possível desconhecer as alterações no padrão das relações sociais que ocorrem nas ruas e bairros da cidade, quando o pano de fundo é a agudização da crise social, o crescimento do crime

e tráfico de drogas ao lado da convivência e da corrupção do sistema policial. No entanto essa apropriação perversa não esgota todas as possibilidades de uso do espaço urbano que contempla arranjos diversos em grandes cidades. Embora, em alguns momentos, esta manifestação tenha visibilidade social pelo próprio estilo dos jovens de determinados movimentos, ou no caso dos jovens do movimento HIP-HOP, a vinculação a entidades representativas do movimento negro, ou pelas ações comunitárias desempenhadas por estes.

O movimento HIP-HOP é um movimento que engloba três elementos – a dança-break; a arte-grafite; a música-rap que se transformou em referencial na cultura da periferia. o RAP com seu discurso contestador, tornou-se um dos principais instrumentos utilizados pelos jovens negros da periferia para atingir seus objetivos e intervir nas relações sociais. É importante reconhecer que os jovens que participam deste movimento, falam das questões específicas de seu cotidiano e refletem suas insatisfações quanto à ordem social vigente.

Em um país cujo modelo político tradicional está saturado, em que o aparato jurídico-legal, na “prática”, só é capaz de punir as camadas menos favorecidas da população, podemos conceber a violência como uma forma de ruptura da ordem jurídico-social, como uma forma de “resposta” concreta da sociedade⁴.

Assim aparecendo cada vez mais claramente como um dos fatores especialmente importantes da dinâmica cultural a violência presente na sociedade constitui um tipo de linguagem que expressa conflitos que, por vezes, emergem na forma de manifestações culturais denunciadoras que, ao serem exibidos pela mídia e, por vezes, assimilados/consumidos pelo público, instituem sentidos e ganham adeptos⁵.

A questão da violência, tal como se apresenta nos espaços urbanos brasileiros, por trás de suas manifestações freqüentes, se não deixa entrever uma reivindicação por ordenamento sociais mais justos, pelo menos evidencia a incompetência do Estado em cumprir o antigo projeto de unificação e equilíbrio.

É assim que vemos nascer o movimento HIP-HOP, a partir do combate à violência estirpada na prática cotidiana, dessa forma será examinado como manifestação jovem, originada nas ruas da cidade,

⁴ constituir-se-ia em formas de atuação, em tentativas de se “resolver” de formas pragmática injustiças e impasses. Mais detalhes, cf DA MATTA (1993).

⁵ não pretendo aqui, associar o estado de pobreza do indivíduo com a violência brutal que gera “crimes” aliás, este trabalho tenta se afastar da visão hegemônica bastante mecanicista que encara a violência como uma “situação de uma anomia.

em seus bairros distantes onde vivem os setores mais empobrecidos de São Paulo. A partir desse ponto de vista ele passa a ser entendido como produto da sociabilidade juvenil de apropriação do espaço urbano do agir coletivo, capaz de mobilizar jovens excluídos em torno de uma identidade comum.

Analisar esse fenômeno cultural neste momento significa, por exemplo, tratar a música cantada por esses jovens dentro de um novo contexto, mais amplo, em que as “culturas das favelas” aparecem não simplesmente como subprodutos da violência social do país, mas como uma produção e um discurso capazes não só de espelhar a realidade “dura” dessas localidades, mas que também, exprime a reivindicação da ampliação da cidadania ao segmento social que habita essas áreas urbanas.

Em vez de reforçar a imagem de um país “democrático e justo”, as representações promovidas pelos rappers sugerem um Brasil hierarquizado, autoritário e racista. Assim, a linguagem expressiva que constitui a música-*rap* recobre a denúncia da dominação entre as raças, da exclusão social e da marginalização dos jovens, combina em síntese, a condição de ser negro, jovem e excluído.

“No nosso entender, no contexto da sociedade brasileira atual, os grupos específicos negros - núcleos de resistência contra as forças desintegradoras que agem contra eles – estão ganhando um significado mais social do que cultural, no seu sentido antropológico.” (MOURA, 1988, p. 122). Tanto no movimento negro quanto no movimento *HI-HOP*, a questão identidade toma aspecto relevante, no movimento negro, a união dos membros no grupo em comum, direciona sua atenção para o resgate autêntico de uma cultura negra que fora deturpada durante a história social deste povo. Este resgate histórico reforça o cultivo de valores e concepções do modo de ser e “compreender o mundo” deste povo.

Dentro do movimento *HIP-HOP* o fortalecimento da identidade também é definida na atuação dos jovens na busca de auto-afirmação. O *RAP* dentro do movimento *HIP-HOP* possui duas grandes metas que compõem a expressão musical dos grupos sobre tudo daqueles que aparecem com maior vocação política. A primeira atua no trabalho da auto-estima com a valorização da identidade negra, o orgulho de ser negro. Estes grupos, formados majoritariamente por jovens negros, desempenham um papel social marcado pelo confronto racial. A segunda traduz-se como esforço de informar os jovens para se apropriarem do conhecimento, exercendo o papel de veículo de comunicação proporcionando uma interpretação alternativa dos acontecimentos.

Este trabalho baseou-se em revisão bibliográfica especializada sobre o movimento *HIP-HOP* e a cultura de massa dos anos 90; analisou-se também letras de músicas de alguns grupos de *RAP*,

entendendo esta como forma de expressão mais espontânea desse movimento.

As análises até agora organizadas apontam que o movimento HIP-HOP transformou-se em grande potencializador dos jovens negros das periferias da cidade de São Paulo e o RAP como uma de sua expressão mais difundida que envolve a própria experiência de criação musical, de constituição do grupo e do auto-reconhecimento na formulação de uma identidade coletiva enquanto “rapper”, resulta numa forma organizada de ação, como um dos principais instrumentos utilizados pelos jovens negros.

Os rappers falam como porta-vozes desse universo periférico, bem como um cotidiano marcado por tensões e conflitos. As características acima vêm, nos últimos anos, assumindo proporções tais que o movimento HIP-HOP rompeu as fronteiras da periferia e penetra atualmente o universo da classe média, impondo seus padrões estéticos e lingüísticos, atraindo dessa forma a indústria cultural.

REFERÊNCIAS

DA MATTA, R. *Os discursos da violência no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

MOURA, C. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

SPOSITO, M. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, 1993.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, E. N. *RAP e educação RAP é educação*. São Paulo: Selo Negro, 1999.

_____. *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre os jovens rappers de São Bernardo do Campo*. 1996. 317 f. Dissertação. (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

AZEVEDO, T. *Democracia racial: ideologia e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1975.

BACELAR, J. *Etnicidade: ser negro em Salvador*. Salvador: Edições Iamana/PENBA, 1999.

- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Ed. Nacional, 1959.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978.
- _____. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: DIFEL, 1972.
- _____. *O significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez, 1989.
- GOFFMAN, E. *Estigma*. Rio de Janeiro; Zahar.
- GOHN, M. G. *A força da periferia*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GUASCO, P. P. M. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os "rappers" de São Paulo*. 2001. 210f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- HASENBALG, C. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HERCHSMANN, M. *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- MARTINS, J. S. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.
- MONANGA, K. *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VIANNA, H. (Org.). *Galeras cariocas: território de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. 280 p.

ARTIGO RECEBIDO EM 2003